

Tertuliano: ***Credo quia absurdum***

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Filho de gentios, nascido em Cartago por volta do ano 160 da nossa era, Quinto Setímio Florêncio Tertuliano foi o primeiro nome de relevo na história da patrística latina. Trata-se de um protagonista da comunidade cristã africana. Ainda mancebo, Tertuliano levava uma vida dissoluta e costumava zombar dos cristãos. No entanto, tocado pela perseverança dos mártires, tornou-se ele próprio cristão. Segundo atesta Jerônimo, parece não ter sido sacerdote e era casado. Seus ideais de severa correção moral fizeram-no aderir à seita *montanista* (Esta heresia surgiu com um sacerdote pagão, convertido ao cristianismo, que se dizia a própria encarnação do Espírito Santo, portador de uma nova revelação). Deixou-a, contudo, para fundar a sua própria seita, os *tertulianistas*. Estes existiam ainda no tempo de Santo Agostinho. O Bispo de Hipona reconciliou-os com a Igreja. A data da morte de Tertuliano é-nos desconhecida; provavelmente, depois do ano 220.

Gênio forte, Tertuliano formou-se em jurisprudência. A bem da verdade, tinha todos os traços de um grande jurista. Dominava a língua latina e foi o autor que mais influenciou a construção do *latim eclesiástico*. Suas fórmulas incisivas, influenciaram, sobremaneira, a *terminologia teológica*. Expressões como “Um Deus em três pessoas” e “Trinitas” tornaram-se clássicas no *vocabulário teológico*. Ademais, Tertuliano foi o escritor mais fecundo na patrística latina antes de *Constantinopla*, também o mais original depois de Agostinho. Embora exímio latinista, como assinalam alguns pesquisadores da patrística, Tertuliano mais deslumbra do que convence. O seu primeiro discípulo foi São Cipriano.

Neste artigo, tentaremos pôr em evidência o caráter “anti-filosófico” do pensamento de Tertuliano. Discriminaremos, desta feita, em que consiste o seu famoso argumento, baseado no *direito de prescrição romano*, pelo qual impugna a posse das Escrituras pelos

gnósticos. Em seguida, verificaremos como do *direito de prescrição* ele infere razões para interditar a possibilidade do *livre exame* das Escrituras por parte da *gnose*. Sendo um *tradicionalista*, acredita que o cristianismo não comporta progressos de qualquer sorte, mas apenas a aceitação integral e fiducial do que foi transmitido pelos antigos. Veremos, ademais, como Tertuliano exclui da sua concepção da religião cristã, qualquer chance de conciliação desta com o gênio especulativo dos filósofos, chegando a chamá-los de *patriarcas dos hereges*. Por fim, tentaremos colocar discussão a procedência ou não, em sua doutrina, da conhecida sentença atribuída a ele: “credo quia absurdum”. Seguir-se-ão as considerações finais do nosso texto.

Passemos ao seu argumento contra os gnósticos, baseado no *direito de prescrição*.

1. O direito de prescrição

Diante das heresias gnósticas, Tertuliano, para dar aos cristãos o direito exclusivo do uso das Escrituras, argumenta: a lei romana das *Doze Tábuas* reza que a pessoa que faça uso de uma propriedade por certo período de tempo, torna-se a legítima proprietária dela. Destarte, a quem quer que lhe conteste ou reclame a propriedade, poderá replicar, mediante o *direito de prescrição*, a legitimidade da sua posse.¹ Agora bem, Tertuliano, por analogia, aplica esta lei ao uso das *Sagradas Escrituras* pela Igreja. Com efeito, desde os tempos mais primitivos a Igreja vem fazendo uso dos livros sacros. Donde as Sagradas Letras serem, por direito, propriedade dos cristãos e não dos gnósticos, que só começaram a fazer uso delas recentemente²:

Sem hesitações contrapomos aos adúlteradores de nossa doutrina o argumento preliminar da *prescrição*, em nome do qual proclamamos como única regra de verdade aquela que nos foi transmitida por Cristo mediante seus apóstolos, das quais é fácil constatar o quão tardios são estes discursos comentadores.³

¹ GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 106.

² *Idem. Ibidem.*

³ TERTULIANO. **Apologético**. XLVII. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 78:

Passemos à análise das razões pelas quais Tertuliano lançou-se contra o livre exame das Escrituras e o gênio dos filósofos.

2. A interdição do “livre-exame” da fé e do gênio especulativo dos filósofos

Segundo Tertuliano, se levarmos em conta a individualidade dos membros da Igreja, todos estão sujeitos a erros. Nem mesmo o martírio, a mais bela profissão de fé, torna-os imune a ele. Exemplo disto é que o herege que se torna mártir não deixa de ser herege.⁴ Não devemos, portanto, julgar a fé pela pessoa, mas a pessoa pela sua fé.⁵ Com efeito, a pessoa não é livre para aceitar ou rejeitar a fé cristã, tampouco está em seu poder aceitar parte desta fé e rejeitar outra. Tertuliano entende que a aceitação integral da fé dispensa e proíbe aquele que a aceita de fazer *livre exame* dela.⁶ Podemos verificar, então, que o *direito de prescrição*, ao mesmo tempo que tolhe aos gnósticos fazer um uso indiscriminado das Escrituras, vincula os cristãos à tradição da fé, herdada dos seus antepassados. Por conseguinte, enquanto vinculados a uma tradição que se impõe por ser vetusta, os *articula fidei* também não admitem progressos, nem é possível fazer-lhes acréscimos ou subtrair-lhes o que quer que seja; caberá ao crente, pois, aceitar o credo tal como lhe foi transmitido e exposto.⁷

Para confirmar os pressupostos acima, o *doutor africano* toma como exemplo os “filósofos hereges”. De fato, ao filósofo afigura-se como mais vantajosa a busca do que o resultado obtido a partir dela; a especulação constitui para ele um fim em si mesma.⁸ De fato, o filósofo se distingue por uma busca interminável do saber, o que lhe faz vítima de uma *vã curiosidade*. Sem embargo, somente a *fé* pode interromper este círculo vicioso. O crente, que também deve buscar a *verdade*, sabe que ela pode ser alcançada e que, quando isto acontece,

⁴ BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 132: “Também o mártir herético continua sendo herege.”

⁵ *Idem. Ibidem*: “E’ mister, pois, julgar as pessoas de acordo com a sua fé, e não a fé de acordo com as pessoas.”

⁶ *Idem. Ibidem*: “A aceitação da fé cristã implica na renúncia ao direito de livre exame dessa fé.”

⁷ *Idem. Ibidem*: “Sendo a fé um fato objetivo, que é preciso aceitar como tal, não é lícito acrescentar-lhe ou subtrair-lhe o que quer que seja: cumpre aceitá-la em sua integridade (...)”.

⁸ *Idem. Ibidem*: “O filósofo investiga; vive exclusivamente para a pesquisa; pouco se lhe dá alcançar ou não o seu objetivo. Numa palavra, a busca e a investigação vêm a constituir um fim em si mesmas.”

deve abraçá-la, renunciando, desta feita, a toda dúvida: “Nosso dever é procurar até encontrá-la, e crer nela tão logo que a encontrarmos”⁹.

Sem embargo, Cristo propôs uma doutrina bem clara, a ponto de os gentios também poderem alcançá-la. Desta sorte, é impossível que se tenha que procurar, indefinidamente, uma doutrina tão bem definida e delimitada como a cristã.¹⁰ Sendo assim, o dever de todo homem é procurá-la até encontrá-la e, quando tomar ciência dela, abraçá-la pela fé.¹¹ Na verdade, para aquele que já crê nas palavras de Cristo, nada mais é necessário senão reter e guardar aquilo em que crê.¹² Deve, pois, renunciar a toda busca de outras, aquele que conheceu a doutrina de Cristo.¹³ A este nada mais é necessário, senão a fé. A própria doutrina cristã tal exige esta exclusividade: “Basta que nos atenhamos à regra da fé, nada mais é necessário”¹⁴; “Quando cremos, não sentimos necessidade de crer em outra coisa, uma vez que cremos antes isto: não haver motivo de ter de crer em outra coisa”¹⁵.

Deveras, será nosso dever, sob pena de cairmos em heresia, atermo-nos à doutrina da fé, sem quaisquer especulações ulteriores. Segundo Tertuliano, aquele que crê em Cristo conhece tudo o que é necessário conhecer. Por conseguinte, a ignorância de tudo o mais tornar-se-á preferível a todo saber estranho que pode pôr-nos em risco de heresia¹⁶: “Mas não serás sábio se não tiveres sido estulto no meio do mundo, crendo nas coisas estultas de Deus”¹⁷.

Passemos a considerar as razões que Tertuliano ainda aduz para não admitir sequer a possibilidade de uma conciliação entre fé e filosofia.

⁹ *Idem. Ibidem.*

¹⁰ *Idem. Ibidem.* “Ora: não é possível buscar indefinidamente uma doutrina única e tão nitidamente delineada.”

¹¹ *Idem. Ibidem.* “A fé põe fim a esta curiosidade malsã.”

¹² *Idem. Ibidem.* “Eis tudo quanto se exige de nós (crentes): que retenhamos ou guardemos aquilo em que cremos.” (O parêntese é nosso).

¹³ TERTULIANO. **Sobre a Prescrição Contra os Heréticos.** 7, 1-9. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica.** 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 79: “Não precisamos de curiosidade, depois de Jesus Cristo, nem da pesquisa depois do Evangelho.”

¹⁴ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã.** p. 132.

¹⁵ TERTULIANO. **Sobre a Prescrição Contra os Heréticos.** 7, 1-9. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica.** 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 79.

¹⁶ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã.** p. 133: “Toda transgressão desses limites (Os limites da pura fé) conduz à heresia. Por isso é preferível permanecer na ignorância a expor-se ao perigo de ultrapassar os devidos limites (...).” (O parêntese é nosso).

¹⁷ TERTULIANO. **Sobre a Carne de Cristo.** 5 1-4. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica.** 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 79.

3. *No cristianismo não há lugar para a filosofia*

Ora bem, diante de tais princípios, não teremos muitas dificuldades para entendermos as sentenças de Tertuliano acerca dos filósofos. Segundo ele, longe de serem *crístãos antes de Cristo*, os filósofos, principalmente em virtude do gênio especulativo que os anima, foram os *patriarcas dos hereges*: “Pois a filosofia é a matéria da sabedoria terrena, intérprete temerária da natureza e da disposição divina. Portanto, as próprias heresias são subornadas pela filosofia (...)”¹⁸. Desta cruel assertiva, nem mesmo Sócrates escapa.¹⁹ Torna-se evidente, desta sorte, que dentro do cristianismo não há lugar para a filosofia. Enquanto qualquer operário crístão pode conhecer e amar a Deus, filósofos como Platão consideram que só com muita dificuldade se pode conhecer a Deus. Além disso, ainda para Platão, mesmo aquele que chega a conhecer a Deus, torna-se inviável fazê-lo conhecido aos outros.²⁰ Tertuliano admite, por fim, que os filósofos chegaram a dizer algumas verdades. Contudo, isto se deve mais a um acerto inadvertido do que a uma reta intenção ou sã doutrina.²¹

Passemos a considerar a procedência ou não, na doutrina de Tertuliano, da famosa frase: *credo quia absurdum*.

4. *Crer no absurdo?*

Portanto, é certo que o nosso apologista encontra contradição entre fé e filosofia. Não só a filosofia é inútil à fé como lhe é sobremodo deletéria. A isto faz referência Tertuliano,

¹⁸ TERTULIANO. **Sobre a Prescrição Contra os Heréticos**. 7, 1-9. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 78 e 79.

¹⁹ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Crístã**. p. 133: “Na sua opinião, os filósofos não são apenas partidários dos hereges: são os próprios patriarcas dos heréticos. Nenhum filósofo antigo, nem mesmo Sócrates, consegue fugir a este veredicto impiedoso.”

²⁰ TERTULIANO. **De Anima**. 3; 302, 29. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Crístã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 133: “Qualquer crístão já encontrou a Deus e dá testemunho dele, respondendo por suas ações a todas as perguntas que se lhe possam fazer a respeito de Deus; Platão, ao contrário, afirma não ser fácil encontrar o arquiteto do universo, e, mesmo que se o tenha encontrado, declara ser difícil fazê-lo conhecido de todos.”

²¹ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Crístã**. p. 133: “Não há negar que ocasionalmente os filósofos toparam com a verdade e concordam conosco (...). Mas isto se deve atribuir a um erro feliz ou à sorte cega (...).”

numa passagem que se tornou clássica e que apresenta como que um resumo de todo o seu pensamento:

Que tem a ver Atenas com Jerusalém? Ou a Academia com a Igreja? Ou os hereges com os cristãos? A nossa doutrina vem do pórtico de Salomão, que nos ensina a buscar o Senhor na simplicidade do coração. Que inventem, pois, se o quiserem, um cristianismo de tipo estóico e dialético! Quanto a nós, não temos necessidade de indagações depois da vinda de Cristo Jesus, nem de pesquisas depois do Evangelho. Nós possuímos a fé e nada mais desejamos crer. Pois começamos por crer que para além da fé nada existe que devamos crer.²²

No entanto, certas fórmulas suas nos deixam em dúvida se esta contradição entre fé e filosofia é também extensiva à fé e razão. Tomemos uma destas passagens assaz ambíguas:

O filho de Deus foi crucificado, do que não me envergonho, porque há que se envergonhar. E que o filho de Deus tenha morrido, é de todo crível, porque é inepto. E que, sepultado, tenha ressuscitado, é certo, por ser impossível.²³

Com efeito, se Tertuliano quis dizer que o que é de fé é incompreensível somente pela razão natural, mas que, inobstante isso, devemos aceitar por ser a fé mais segura do que a razão, diríamos que ele não disse nenhuma novidade. Mas, ao contrário, se quis insinuar que a irracionalidade da fé é a razão pela qual aderimos a ela, isto realmente seria surpreendente. Gilson pensa que o segundo sentido, conquanto não possa ser confirmado sem que, com isso, se force o que o autor disse, é perfeitamente coerente com o seu gênio.²⁴ Já Philotheus Boehner se inclina ao primeiro sentido. Segundo Boehner, Tertuliano ter-nos-ia apenas proposto que, se a fé fosse compreensível não seria mais fé e, sim, ciência.²⁵

²² TERTULIANO. *De Praescriptione Haereticorum*. c. 7. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa*. 7^a. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p.138.

²³ TERTULIANO. *De Carne Christi*. In: GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 107.

²⁴ GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. pp. 107 e 108: “*Se prorsus credibile, quia ineptum este, ou certum quia impossibile est* significam simplesmente há que crer nisso, pois a fé só tem por objeto o incompreensível, e é justamente por isso que é certa, pois a fé é mais segura que a razão, Tertuliano nada disse de original. Se, ao contrário, tomamos seu duplo *quia* ao pé da letra, fá-lo-emos dizer que a própria inépcia do dogma é o que o recomenda à aceitação da fé, assim como sua impossibilidade garante a sua certeza. Tertuliano tê-lo-á pensado? Não era incapaz de tanto.”

²⁵ BOEHNER, GILSON. *História da Filosofia Cristã*. p. 134: “(...) se a fé não propusesse nada de incompreensível, ela deixaria de ser crença, para transformar-se em ciência e conhecimento.”

Ademais, teria Tertuliano querido dizer que, enquanto abandonada a si mesma, a razão está propícia a cair em inúmeros erros²⁶ e que o encontro com a verdade somente é possível na fé e pela fé?²⁷ Controvérsias à parte, uma coisa é certa: a famosa fórmula “credo quia absurdum” nunca fora pronunciada por Tertuliano.²⁸ Aliás, seria mesmo irresoluto crer que um orador tivesse colocado o verdadeiro no absurdo.²⁹

Passemos às considerações finais do nosso texto.

Conclusão

Segundo o direito romano a posse de uma propriedade pode ser reivindicada por aquele que a habita, pelo tempo que este dispôs dela. Ora, fazendo uma analogia, Tertuliano reivindicava, contra os gnósticos, a pertença das Escrituras à Igreja, que, desde os tempos antigos, lança mão dela. Agora bem, para que esta pertença da Igreja se justifique, mister é que ela salvguarde a tradição, contra os que propugnam o livre exame das Escrituras. Para preservar o depósito da fé, defende Tertuliano que o fiel deve aceitar integralmente a fé que lhe foi comunicada pela Igreja, e guardá-la e transmiti-la tal qual a recebeu. Desta feita, na perspectiva do nosso orador, não se coaduna com a postura de um cristão questionar a sua fé, nem especular sobre ela. A quem descobriu a verdade em Cristo, importa aderir a ela sem pestanejar. Neste sentido, parece-lhe deveras inquestionável, que o gênio especulativo dos filósofos é nocivo à fé cristã, pois incita o livre exame e as vãs curiosidades, o que caracteriza uma rompimento com a tradição dos antigos. Pelo que se lhe afigura que a filosofia, longe de ser útil à fé cristã, é-lhe sobremaneira maléfica. Chama os filósofos de os patriarcas dos hereges. Se é certo que Tertuliano negue qualquer possibilidade de conciliação entre fé e filosofia, não é de todo claro que estenda este desacordo ao binômio fé e razão.

²⁶ *Idem. Ibidem*: “E’ possível que Tertuliano queira dizer apenas que a razão, quando abandonada a si mesma, incide forçosamente em erro, a menos que demande a própria fonte da verdade, que é Deus (...)”.

²⁷ *Idem. Ibidem*: “Este encontro com a verdade se realiza na fé e pela fé.”

²⁸ *Idem. Ibidem*: “Em qualquer hipótese, a fórmula ‘credo quia absurdum’ jamais foi empregada por Tertuliano”

²⁹ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 108: “Se foi isto que quis dizer (ou seja, que a crença se torna crível por sua inépcia), a posteridade não o traiu ao resumir sua atitude na fórmula lapidar: *Credo quia Absurdum*. Pensamento totalmente original, desta vez, mas hesitamos em crer que mesmo um orador tenha posto o critério do verdadeiro no absurdo.”

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 130 a 138.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 105 a 110.

TERTULIANO. **Apologético**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **De Anima**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **De Carne Christi**. c. 7. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **De Praescriptione Haereticorum** In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Sobre a Carne de Cristo**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Sobre a Prescrição Contra os Heréticos**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.